

Plano é recusado e Bresser cai

Depois de dois pacotes fracassados e uma negociação desastrosa da dívida externa, o governo começa a frear os passos do ministro Bresser Pereira, que termina pedindo demissão no dia 18, completamente desgastado e detestado pela população. Profeticamente, sua primeira declaração ao assumir foi que o ministro da Fazenda não precisa ser popular. Conseguiu mais.

Logo na primeira semana do mês, o Planalto desistiu de taxar as fortunas no pacote fiscal em elaboração pela equipe de

Bresser. Foi um golpe no projeto do ministro. Em seguida, descartou o aumento de impostos sobre os ganhos de capital e recusou a idéia de baixar o pacote por decreto-lei, preferindo mandá-lo ao Congresso em forma de projeto. Foi a gota d'água para a queda de Bresser, para quem Sarney estava sendo incoerente, já que utilizou-se de decreto-lei quando se tratou de aumentar os impostos para os assalariados.

Enquanto as escaramuças entre Planalto e Fazenda se desenrolavam nos bastidores, a

inflação engordava, as tarifas dos serviços públicos e o custo de vida em geral perdiam as rédeas e uma nova onda de greves, sobretudo no serviço público, agitava dezembro. Em desespero de causa, Bresser promete uma inflação "estável" de 15 por cento ao mês. Para desviar um pouco as atenções, o governo promete "uma caça implacável aos corruptos" e ameaça que se até o dia 15 de janeiro os bancos credores não fecharem uma solução global para a dívida externa, a moratória será retomada.